

# Um antimanual para a pesquisa em humanidades

Luiz César de Sá Júnior\*

HISSA, Cássio. *Entrenotas*: compreensões de pesquisa. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

Quando uma universidade quer se tornar uma empresa, seu destino é falir. O aforismo atribuído a Veríssimo, para além de qualquer pretensão humorística, reflete com clareza um cenário perigoso para a pós-graduação brasileira. Cada vez mais pressionada por metas quantitativas e exigências gerais dissociadas do paciente esforço de acúmulo de erudição, refinamento teórico e amadurecimento pessoal obrigatórios para a formação de pesquisadores competentes nas Humanidades, as trajetórias de alunos – e até mesmo de docentes – têm se enveredado por atalhos conjurados com o auxílio de manuais teórico-metodológicos e textos de síntese de temas, autores clássicos e debates que amputam e simplificam suas investigações. Aqueles, neófitos, encontram-se mais desapetrechados para fazer frente aos desafios que lhes são impostos, pois, em média, ainda não dispõem de refinamento da capacidade de seleção e filtragem na lide com a literatura e tampouco treinamento na transformação de seus estudos em matéria escrita. Portanto, foi em boa hora que o geógrafo Cássio Hissa lançou *Entrenotas*, cuja aspiração é oferecer, em vez de um receituário canhestro para escrita de projetos, teses e dissertações, um compêndio de intuições, leituras e problemas que se lhe impuseram em seu percurso profissional; em suma, “compreensões” que, por interiores, compartilham trilhas impossíveis de seguir à risca, e que impelem os leitores a construir seus próprios caminhos.

Hissa organizou seu livro como um possível antídoto para o que considera a ascensão da “ciência-técnica”, cujas características seriam o esvaziamento de qualquer pretensão artística no trabalho do pesquisador – porque desprovido de ênfase na linguagem e na leitura atenta de obras que escapem dos objetivos mais diretos de pesquisa –, a rapidez com que se publicam resultados nada maduros e ausência de criatividade, feita refém diante de procedimentos repetidos à exaustão. Estabelece, assim, distinção entre a ciência-técnica que “cultua a velocidade à luz da racionalidade” por oposição a uma “ciência-saber”, que “é vagar, é paciência, é lentidão, é artesanaria” (p. 21). À luz desse fio condutor, procuremos percorrer os mecanismos por meio dos quais avançam suas teses.

Os textos de ciência não deveriam negar o “eu”: eis a arquitrave da primeira parte da obra. A negação da subjetividade do autor em sua essência, diluída em meio à pletora de fórmulas impessoais destinadas a creditar o texto cientificamente, impediria a comunicação com o outro, sufocando possíveis diálogos. A forma de acesso a uma escrita mais autoral e mais propensa ao diálogo se daria, respeitando-se as escolhas individuais dos pesquisadores, a partir da suspensão de diferenças rígidas entre ciência e arte – pensa-se que, embora a ciência se distinga da arte, ela pode ser realizada artisticamente. Apenas reatando esse casamento há algum tempo desfeito seria viável retomar uma premissa de fundamental relevância para as Humanidades, qual seja, seu papel social de fomentar leituras complexas da vida.

Demonstrar a validade da retomada de aparatos artísticos na formulação de problemas científicos impõe ao autor o perfilhamento de autores dos dois nichos intelectuais. Daí recorrer aos textos do escritor português Gonçalo Tavares, que propõem que a estética volte a ganhar lugar de honra ao recuperar o saber da ciência por meio dos instrumentos dos gêneros ensaístico, poético e literário, sem deixar de lado acadêmicos como Pierre Bourdieu, para quem “a pesquisa é talvez a arte de se criar dificuldades fecundas e de criá-las para os outros. Nos lugares onde havia coisas simples, faz-se

aparecer problemas” (p. 41-42). Em certo sentido, é possível constatar nos argumentos de Hissa um retorno aos princípios de certa retórica clássica, no interior da qual o vigor das provas e da disposição dos argumentos de nada valia sem formas de elocução poderosas. Mas poderíamos ir mais além na interpretação; para Hissa, a trama do discurso em si, pensada rigorosamente, será capaz de fornecer ao pesquisador problemas, hipóteses e teses. Mitiga-se, com isso, a antes firme separação entre forma e conteúdo, agora somada à já aludida fragmentação das divisas entre ciência e arte.

O segundo pilar de sua leitura envolve a relação dos pesquisadores com o tempo. Premidos pelos prazos para publicação de artigos e defesas, os pesquisadores teriam sido compelidos a abandonar com cada vez mais frequência o tempo de maturação dos estudos. Os alunos, ademais, ficariam paralisados sem condução próxima dos mestres, pois sua educação estaria calcada na espera de fórmulas preceituárias, sem investimento em sua autonomia. Hissa identifica nesse contexto a passagem da universidade dos livros para a dos artigos rasos, com a incidência de controle restrita à quantidade de trabalhos publicados, e quase nunca da qualidade deles. A pressa em chegar ao tema de pesquisa e haver-se com ele também levaria a um acúmulo de material sem direcionamento, exercício que requer que o autor habilite-se a selecionar cada leitura na dimensão de suas possibilidades de conexão com a próxima. Do contrário, será tomado pela angústia da enormidade da bibliografia – amplamente disponível para quase todos os temas em razão da expansão das publicações e facilidade de acesso *online* –, fracassando em efetivamente ler os textos em profundidade. Hissa distingue aquilo que chama de “suposta leitura”, isto é, o mero colecionamento de obras visitadas que se intercalam por meio de citações que ignoram ou menoscabam seus sentidos gerais e sua hermenêutica interna, de uma “leitura criativa”, na qual busca-se textos a partir de ideias. Apropriadamente, por meio da evocação de Manoel de Barros, Hissa salienta que “quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar” (p. 119).

Este corpo de ideias de que fala Hissa será responsável por encaminhar as possíveis metodologias de trabalho. Em vez de recorrer a metodologias fechadas, moduladas, Hissa propõe que se construa um aporte metodológico especificamente concernente ao assunto estudado. Seria prudente que a metodologia fosse representativa dos “modos de fazer” do autor, e que ficasse patente no produto final o percurso de sua constituição. Pretende-se, então, uma conciliação entre “modos de fazer” e “modos de pensar”, de modo a tornar presentes a experiência acadêmica empreendida, o percurso de vida do intelectual, as motivações que o impeliram a buscar certos recursos metodológicos em certas obras e as origens de seus questionamentos.

Diante disso, fica preparado o terreno para o passo final do autor, que é promover a defesa de uma articulação consistente entre todas as engrenagens da pesquisa que tratou de examinar. Primeiramente tomados parte a parte, “retomada da subjetividade do autor”, “processo de escrita seleção de textos”, “diálogo com o tempo” e “metodologia” deveriam compor uma espécie de “mecânica de desenhos”, definida por ele, em diálogo com a obra de Ítalo Calvino, como “a qualidade que permite a transformação de certas coisas em outras sem que se perca a força das imagens que fornecem visibilidade às coisas” (p. 150). Tratar-se-ia, assim, de combinar as peças de pensamento em uma pronúncia que, soando com força de conjunto, não descartasse os elementos individuais. É somente neste espaço de convivência dos diferentes planos de uma pesquisa que será frutífero provocar reflexões teóricas, não entendidas aqui como fórmulas diretas de explicação do mundo a serem confirmadas pelo trabalho individual, mas, antes, como decorrências possíveis deste. A teoria surge como instrumento de interferência no mundo num movimento contrário ao qual normalmente se insere; Hissa admoesta-nos, portanto, a pensar do particular para o geral.

Em suma, Hissa defende que a pesquisa na área de Humanidades seja um exercício de complexidade. Não uma complexidade obscurantista e labiríntica enxertada na escrita empolada que, não raro, esconde inadimplência de ideias. Mas, antes, numa escrita clara e complexa que nos retire do “flagelo linguístico” presente, um verdadeiro labirinto de ideias e de inovações narrativas, um labirinto de que o leitor anime-se a sair por meio dos próprios esforços. Uma escrita de difícil leitura não pela terminologia, mas pelas questões desafiadoras que procura propor dentro de uma forma também em si desafiadora.

É pensando neste intrincado problema que Hissa fecha sua obra. Panfleto contra a “esquizofrenia da universidade moderna” – que cria e encerra a figura do “cientista” em limites que bloqueiam sua capacidade de diálogo com o mundo –, a coragem de *Entrenotas* de assumir a valorização do pesquisador enquanto escritor em firme contato com a literatura e as artes e a disposição para enfrentar o marasmo e o automatismo que se têm firmado como tônicas da “era lattes” fazem deste antimanual uma leitura recomendável.

## **A antimanual for the research in the Humanities**

### **Nota explicativa**

\* Doutorando em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, e bolsista CAPES. Orientadora: Profa. Dra. Andrea Daher, CNPq 2.

Recebido em: 15 de maio de 2013

Aprovado em: 30 de junho de 2013